



O CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL DE GÊNESIS: UM MODO DE COMPREENDER O GÊNESIS EM FACE DOS DESAFIOS DA CIÊNCIA MODERNA¹

THE HISTORICAL-CULTURAL CONTEXT OF GENESIS: A WAY OF UNDERSTANDING GENESIS IN FACE OF THE CHALLENGES OF MODERN SCIENCE

Robson Barbosa da Silva²

Resumo:

O presente texto trata de alguns conflitos característicos da interface ciência-religião motivados pelo desenvolvimento científico em campos como as ciências do universo, da Terra e da vida, bem como pela insistência por parte de certos cristãos no sentido de ver o livro de Gênesis como uma fonte da qual possam ser extraídos conhecimentos acerca da verdadeira natureza física do mundo, conhecimentos estes alternativos àqueles característicos da ciência contemporânea e que podem estar expressos no referido texto de forma simples e clara (como defendem os adeptos do chamado *criacionismo científico*) ou de forma figurada em maior ou menor grau (como na teoria do dia-era e na teoria gap). Tal insistência parece ser devida a uma falha no sentido de ver o Gênesis como um escrito antigo, destinado a, ao contrário da ciência moderna que é uma perspectiva naturalista em sua essência, se contrapor a noções de outros povos acerca do divino e de seu relacionamento com o mundo, mesmo que com o uso de ideias quase que completamente obsoletas sobre a natureza física do universo.

Palavras-chaves: Ciência; Criação; Gênesis.

Abstract:

The present text deals with some characteristic conflicts of the interface between science and religion motivated by scientific development in fields such as the sciences of the universe, earth and life, as well as by the insistence on the part of certain Christians to see the book of Genesis as a source from which can be extracted knowledge about the true physical nature of the world, knowledge which is alternative to that characteristic of contemporary science and which can be expressed in the referred text in a simple and clear way (as the adherents of so-called *scientific creationism* defend), or figuratively in greater or lesser extent (as in *day-age theory* and *gap theory*). Such an insistence seems to be due to a failure to see Genesis as an ancient writing intended, unlike modern science which is a naturalist perspective in its essence, to counter notions of other peoples about the divine and his relationship with the world, even with the use of almost completely obsolete ideas about the physical nature of universe.

Keywords: Creation; Genesis, Science

¹ Enviado em: 22.10.2020. Aceito em: 10.12.2020

² Licenciado em Ciências Biológicas pela Universidade Estadual da Paraíba – UEPB. Mestre em Estudos Teológicos pelo Miami International Seminary – MINTS. Contato: robsonbio2008@hotmail.com

INTRODUÇÃO

Os cristãos são confrontados o tempo todo com ideias as mais diversas, podendo estas ter ou não algum impacto em sua mundividência. Muitas vezes, alguns destes conceitos parecem ser, à primeira vista, antagônicos à fé cristã. Uma área na qual, em muitas ocasiões, se produziram debates acalorados (em certos casos, com amargas e duradouras consequências) foi a interface ciência-religião, ocorrendo, em vários casos, conflito entre uma interpretação particular das Sagradas Escrituras e novos conhecimentos oriundos do estudo das ciências naturais. Neste contexto, tópicos que geraram muita controvérsia foram as conclusões científicas acerca das idades do universo e da Terra e as teorias da evolução. Os novos saberes acumulados com o estudo da Terra, do universo e do mundo vivo pareciam contrariar as informações extraídas dos primeiros capítulos do livro de Gênesis acerca das origens do mundo e do ser humano. Tal escrito aparenta comunicar a ideia de que a criação seria recente, tendo os elementos físicos do universo surgido há, no máximo, alguns milhares de anos, com a pluralidade de espécies vivas sendo criação direta do Todo-Poderoso e não ocorrendo algo como o surgimento de uma espécie a partir de outra. De forma que as ideias de que o universo e a Terra seriam muito antigos e que as espécies não seriam fixas aparentemente desacreditariam os trechos iniciais da Palavra de Deus.

O presente estudo trata deste tema em particular, visando responder à pergunta: dados os modernos conceitos científicos, como interpretar os capítulos iniciais do livro de Gênesis? Ver-se-á que muitas das querelas acerca de tal tópico se devem a um mal-entendido sobre a natureza das Escrituras e seu lugar e função nos contextos em que foram produzidas e para os quais se destinavam. Compreendendo-se o *Sitz im Leben* do texto bíblico, torna-se claro que este se destinava a responder aos desafios levantados pelas religiões dos povos próximos, as quais apresentavam noções alternativas sobre o divino, o mundo e a humanidade, e não a se contrapor a modernas ideias científicas.

DO SÉCULO XVIII AOS DIAS ATUAIS: ALGUMAS DAS IDEIAS ADOTADAS PELOS CRISTÃOS

Com as descobertas em campos como a geologia, ao longo dos séculos XVIII e XIX, tornaram-se cientificamente insustentáveis noções tais como uma criação recente³ e um dilúvio universal⁴, de forma que os cristãos que insistissem em uma leitura literal das primeiras páginas da Bíblia, vendo nestas uma fonte de informação acerca de *como* se deram as origens do mundo, teriam que se por à margem da cultura científica relativa às ciências da Terra. Mais ou menos no mesmo intervalo de tempo, os avanços na biologia também ajudaram a construir um quadro no qual as espécies passaram a ser vistas não como criações separadas, mas como descendentes de um ancestral comum ou como, pelo menos, não sendo todas criadas diretamente por Deus, sem interferência alguma de causas segundas⁵, de forma que se impunha um desafio aos cristãos que viam as espécies vivas como produtos de uma criação especial. Em meio a tal efervescência de ideias, os cristãos mantiveram atitude geral um tanto ambígua, com alguns, inclusive, afirmando

³ “Por volta de 1800, a maioria dos naturalistas aceitava que a Terra era muito antiga [...]” BENTON, Michael J. Foreword. In *Prehistoric Life: the definitive visual history of life on Earth*. New York: Dorling Kinderley, 2012, p. 9.

⁴ A ideia de um dilúvio global foi abandonada pela comunidade científica concomitantemente à adoção da teoria das glaciações, de Louis Agassiz (1807-1873), em meados do século XIX (PITMAN, Walter, RIAN, William. *Noah's Flood: The New Scientific Discoveries about the Event that Changed History*. New York: Simon & Schuster, 1999, p. 34-35).

⁵ Os que mais contribuíram para estabelecer uma interpretação não fixista do mundo vivo foram, no século XIX, Jean Baptiste Lamarck (1744-1829), Alfred Russel Wallace (1813-1883) e Charles Darwin (1809-1882). Estes dois, propondo a ideia de seleção natural, lançam as bases inclusive da biologia evolutiva moderna.

que os novos conceitos científicos não seriam de todo contrários à fé cristã e optando por uma leitura menos literal da Bíblia.

Ao longo do século XX, os avanços nas ciências do universo e da Terra foram assustadores, com o uso de metodologias inovadoras e o desenvolvimento de grandes estruturas intelectuais que explicavam os muitos dados que se acumulavam. No caso da cosmologia, tem-se a descoberta da expansão do universo e a elaboração da teoria do *Big Bang*, enquanto aqueles que trabalhavam com as ciências da Terra passaram a utilizar-se dos métodos de datação radiométrica com fins de determinar a idade absoluta dos estratos rochosos. Os mesmos métodos viriam a possibilitar o estabelecimento da idade do próprio planeta. Também foi desenvolvida a teoria da *tectônica de placas*, que explica as transformações da crosta terrestre desde o tempo de sua formação. No caso das ciências da vida, da combinação entre a ideia da seleção natural de Darwin e Wallace com a genética mendeliana resultou a *síntese evolutiva*, a qual viria a fornecer o arcabouço teórico que possibilitaria a interpretação das observações e experimentos levados a cabo em todas as ciências biológicas.

Por seu turno, os cristãos continuavam a manter uma atitude mais ou menos amistosa no que concerne aos novos conceitos. Aqueles que pareceriam, a uma primeira olhada, ir de encontro ao que dizia a Bíblia não eram, necessariamente, rejeitados, com interpretações as mais diversas sendo dadas aos textos bíblicos, de forma que certa harmonia se estabeleceu. Até a década de 1960, há uma tradição difusa em meio à Igreja no sentido de se levar a sério as descobertas científicas, lendo-se o Gênesis de modo tal que os conceitos científicos não fossem completamente desconsiderados. De fato, ao menos temas como a idade da Terra ou a extensão do dilúvio de Noé não foram, durante praticamente toda a história do cristianismo, motivo de grande preocupação⁶.

No ano de 1961, contudo, dá-se a publicação de *The Genesis Flood*, escrito pelo engenheiro hidráulico Henry M. Morris (1918-2006) e pelo teólogo John C. Whitcomb (1924-2020). Neste livro, os autores, fortemente influenciados pelo *The New Geology*, do adventista⁷ George McCready Price (1870-1963), procuram construir um caso forte para a noção de que os primeiros capítulos do livro de Gênesis deveriam ser lidos da forma mais simples possível, sendo um registro literal acerca dos primórdios do mundo. De fato, segundo aqueles, as disciplinas científicas que tratam acerca das origens do universo e do ser humano estariam erradas em suas conclusões e os acontecimentos dos primórdios, sobre os quais discorre o referido texto, só seriam cognoscíveis por meio da palavra revelada:

[...] Afinal, qualquer *conhecimento* real das origens ou da história da Terra, anterior aos registros históricos humanos, só pode ser obtido através da revelação divina. Desde que a geologia histórica, ao contrário de outras ciências, não pode lidar com eventos atualmente observáveis e reproduzíveis, é *manifestamente impossível* realmente *provar*, pelo método científico, qualquer hipótese relacionada à história pré-humana⁸.

Os dados advindos do estudo do registro geológico não seriam, segundo estes autores, sinais de longas eras passadas de história do planeta Terra, mas sim indícios da ocorrência de um

⁶ “[...] Por quase dois mil anos praticamente ninguém fez muita questão sobre a idade da Terra ou os detalhes do dilúvio” (GIBERSON, Karl W. *Saving Darwin*. How to Be a Christian and Believe in Evolution. New York: Harper One, 2008, p. 138). A evolução em si tem sido, contudo, um tema mais polêmico.

⁷ “Apesar da insignificância cultural do adventismo na América do século XIX, o movimento criacionista moderno estava gestando dentro de seu excêntrico útero teológico” (GIBERSON, 2008, p. 59).

⁸ MORRIS, Henry M.; WHITCOMB, John C. *The Genesis Flood: the biblical record and its scientific implications*. Phillipsburg (NJ), P & R Publishing, 2011. p. 213, grifo no original.

dilúvio de proporções globais que teria destruído todas as formas de vida terrestre do planeta, com exceção de Noé, sua família e dos animais que com ele estavam na arca. Neste esquema, a pluralidade de entes no universo teria sido criada há alguns milhares de anos, em um intervalo de seis dias, de modo que a Terra seria muito jovem (não tendo os bilhões de anos postulados pela ampla maioria dos cientistas). Assim, obviamente, não teriam ocorrido os bilhões de anos de evolução do mundo vivo. Karl Giberson diz que *The Genesis Flood*, escrito fundador do que viria a ser conhecido como *criacionismo científico*, criou, no meio evangélico, o mito de uma ciência alternativa, e convenceu a muitos de que uma leitura fiel da Bíblia deveria subscrever uma criação em seis dias e um dilúvio global⁹. “*The Genesis Flood* [...] representa o abandono de uma longa tradição de tomar a ciência convencional seriamente”¹⁰.

A este se seguiram muitos outros, com seus autores¹¹ sustentando conclusões muito parecidas. Apesar de alguns criacionistas terem mudado o foco e passado a apresentar uma forma ou outra do chamado *argumento do design* (agora nem tanto para “provar” a existência de Deus, como fora utilizado em outros tempos, mas para explicar a adaptação, apenas pressuposta no argumento antigo, de modo que, hoje, se apresenta como alternativa às teorias evolutivas) é muito comum encontrar pessoas que dizem rejeitar a descrição científica da origem do mundo e da biodiversidade simplesmente porque tal constructo vai de encontro a uma leitura literal da Bíblia.

Alguns cristãos, contudo, não veem com bons olhos a ruptura cultural que se produziu. Daí, esforçando-se por não rejeitar em sua totalidade as teorias científicas acerca do universo, da Terra e da vida, ou simplesmente não duvidando da ideia de que a Terra é, pelo menos, muito mais antiga do que supõem os criacionistas da Terra jovem, têm defendido ideias de que os textos bíblicos acerca da criação deveriam ser lidos de maneira menos literal, pois, pensam, tais textos comunicariam, de alguma forma figurada, uma imagem do mundo mais coerente com aquela descrita pelos modernos conceitos científicos. Tais abordagens têm longa história pregressa. Com o desenvolvimento científico nos séculos XVIII e XIX, muitos cristãos passam a defender ideias como a *teoria do dia-era* e a *teoria gap*, ou *teoria do intervalo*¹². “[...] A teoria do dia-era acomodou a grande idade da Terra, convertendo os dias da criação em Gênesis em períodos geológicos”¹³. Uma versão desta tese aparece em 1778, proposta por Buffon (1707-1788)¹⁴. Certo autor recente afirma que a “[...] idéia de que o capítulo [Gênesis 1] pretende revelar a seqüência geral da criação naquilo que ela afetou esta terra, baseia-se no caráter que transparece do escrito (*sic*).”¹⁵. Com isto, os “dias” criativos de Gênesis 1 representariam coisas como as imensas eras da história da Terra:

Os dias da criação podem ser compreendidos de modo semelhante. Dão ao leitor um meio simples para relacionar a obra de Deus na criação com a obra de Deus aqui e agora na história. Enquanto que um relato científico teria de falar de eras, não de dias, e teria de agrupá-las para demarcar as fases cientificamente significativas, o presente relato abrange de um golpe a mesma cena por seu significado teológico. Com isto em vista, fala de dias, não de eras, e os agrupa numa semana¹⁶.

⁹ GIBERSON, 2008, p. 138.

¹⁰ GIBERSON, 2008, p. 138.

¹¹ Duane Gish e Ken Ham são alguns dos escritores criacionistas posteriores mais conhecidos.

¹² GIBERSON, 2008, p. 49.

¹³ GIBERSON, 2008, p. 49.

¹⁴ GIBERSON, 2008, p. 50.

¹⁵ KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979. p. 52.

¹⁶ KIDNER, 1979, p. 53.

Por sua vez, a teoria gap, popularizada nos começos do século XIX por Thomas Chalmers (1780-1847) e William Buckland (1784-1856), e no início do século XX por Cyrus I. Scofield (1843-1921), era “[...] assim chamada pela inserção de uma grande lacuna histórica entre o primeiro e segundo versículos de Gênesis”¹⁷:

[...] A noção da existência de um intervalo entre os dois primeiros versículos da Bíblia foi inventada numa tentativa de dar lugar para a idade antiga da Terra. Gênesis 1.1, segundo essa idéia, fala sobre a criação original do mundo, enquanto 1.2 indicaria a existência de uma pré-criação, que fora destruída por causa do pecado de Satanás e dos anjos maus, arruinando a criação original. Depois de milhões de anos, aproximadamente seis mil anos atrás, Deus refez o mundo e criou Adão e Eva (*sic*)¹⁸.

Tais propostas, por bem intencionadas que sejam, possuem algumas fraquezas que aparecerão a um olhar mais atento. Sobre a teoria dia-era, um ponto fraco é o fato de a descrição apresentada em Gênesis, mesmo admitindo-se que os dias criativos sejam eras ou algo do tipo, não se coaduna com o quadro proposto pelos cientistas acerca de como a vida se desenvolveu ao longo dos bilhões de anos de evolução. A título de exemplo, observe-se que, segundo o Gênesis, as aves foram criadas no quinto “dia”, ao mesmo tempo em que Deus cria “[...] os grandes monstros marinhos e todos os pequenos seres vivos dos quais pululam as águas [...]” (Gn 1.21)¹⁹. Por seu turno, os mamíferos e outros animais terrestres aparecem na narrativa apenas no sexto “dia”, quando é dito que “[...] Deus fez os animais selvagens segundo a sua espécie, os animais grandes segundo a sua espécie e todos os animais pequenos do solo segundo a sua espécie” (1.25).

Tem-se, portanto, que as aves, junto com os animais aquáticos, seriam os animais mais antigos da Terra, com os mamíferos aparecendo (se os “dias” forem tomados como imensas eras nas quais a história da Terra estaria dividida) dezenas ou mesmo centenas de milhões de anos após. Contudo, as descobertas científicas mostram que as aves aparecem, no registro geológico, nos estratos datados do fim do período Jurássico (*Archaeopteryx*, por volta de 146 milhões de anos atrás), enquanto os mamíferos aparecem nos estratos do fim do período Triássico e início do Jurássico, pouco depois dos primeiros dinossauros (cerca de 206 milhões de anos atrás)²⁰. Os peixes, inclusos na categoria de “pequenos seres vivos dos quais pululam as águas”, criados no quinto “dia”, aparecem muito cedo na evolução dos vertebrados, por volta de meados do período Ordoviciano (período que durou de 488 a 444 milhões de anos). As plantas terrestres, aparecendo no terceiro “dia” segundo a narrativa, teriam começado a colonizar a terra firme por volta do Siluriano (444 a 416 milhões de anos; esporos fósseis, contudo, indicam uma origem mais antiga, no Ordoviciano). Ou seja, tendo aparecido antes dos peixes na sequência de Gênesis, aparecem, provavelmente, após

¹⁷ GIBERSON, 2008, p. 51.

¹⁸ FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma abordagem histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007, p. 264. Note-se, porém, que os autores parecem se equivocar ao afirmarem que tal ideia “[...] foi inventada numa tentativa de dar lugar para a idade antiga da Terra”, pois os mesmos também dizem abaixo que Dante Alighieri, em *A Divina Comédia*, (portanto, muito antes da Revolução Científica) já a esboçara. Também se deve notar que Cyrus I. Scofield, por exemplo, não afirma que decorreram “milhões de anos” entre o juízo divino e a nova criação, dizendo, antes, que “Outro intervalo indefinido decorreu [após o juízo divino] depois do qual ‘o Espírito de Deus pairava sobre a face das águas’ (Gn 1. 2) em uma recriação da Terra” (*The Scofield Study Bible: New King James Version*. New York: Oxford University Press, Inc, 2002. Is 45.18, nota), de forma que um hiato de milhões de anos não é próprio da teoria em discussão, como sugerem os autores.

¹⁹ No presente escrito utilizou-se do texto da *Bíblia – Tradução Ecumênica* (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.

²⁰ Note-se que o ser humano também aparece na narrativa de Gênesis 1 ao mesmo tempo que os outros mamíferos terrestres, mesmo que a maioria dos estudiosos conclua que aquele apareceu na Terra a mais ou menos duzentos mil anos “apenas”.

(no máximo, ao mesmo tempo) na história evolutiva da Terra²¹. Logo, a sequência apresentada em Gênesis 1 destoa quase que completamente da sequência na qual aparecem os diversos grupos de seres vivos no registro geológico²².

Também se deve notar que seria por demais estranho o autor do livro de Gênesis apresentar aos seus leitores, sob forma figurada, conhecimentos científicos hodiernos. Qual a serventia de semelhante exposição? O que se acrescentaria aos ouvintes e leitores originais o fato de estes conhecerem as mais recentes novidades das ciências da Terra e da vida? E por que estes mesmos conceitos só aparecem no século XIX e XX, não havendo sugestão dos mesmos nas culturas antigas de Israel e dos povos vizinhos? Admitindo-se que as atuais teorias científicas sejam boas aproximações de como a natureza realmente opera, por qual razão o autor as apresentaria de forma figurada? E como ele teria acesso a tais conceitos? Assim, uma proposta concordista como a teoria dia-era parece completamente destituída de substância²³.

No que tange à chamada teoria gap, as dificuldades são, talvez, ainda mais gritantes. Tal teoria, postulando uma catástrofe que teria destruído a antiquíssima criação original quase que completamente, apesar de deixar “[...] espaço para um período indeterminado de tempo entre a criação original e o juízo divino”²⁴, arca com o pesado ônus de mostrar como tal catástrofe se encaixaria na sequência de eventos registrados na coluna geológica. Não é verdade o que diz certo comentarista de que a “[...] face da Terra traz as marcas de uma catástrofe”²⁵ deste tipo.

De forma que, de um lado, há os criacionistas científicos, os quais, com seu literalismo bíblico, acreditam que o livro de Gênesis, em seus capítulos iniciais, deve ser visto como fonte de informação precisa acerca dos eventos relativos às origens do universo, da Terra e da humanidade. Também há aqueles que, não rejeitando a interpretação científica padrão de todo, defendem que, dentro de certos limites, pode-se ler o texto de Gênesis de modo menos literal, com este, talvez, expressando a ordem dos atos criativos ao longo de enormes períodos de tempo, bem como os que defendem a existência de um intervalo de tempo entre os eventos referidos nos dois primeiros versículos da Escritura²⁶.

²¹ De fato, os primeiros animais a deixar registro fóssil datam de fins do pré-cambriano (cerca de 600 milhões de anos). Para aprofundamento, cf. BENTON, Michael J.; HARPER, David A. T. *Introduction to Paleobiology and the Fossil Record*. Hoboken (NJ): Wiley-Blackwell, 2009 (texto universitário), e FORTEY, Richard. *Fossils: The History of Life*. Londres: Natural History Museum, 2009 (este é uma literatura de divulgação).

²² Assim, Derek Kidner erra quando diz que “[...] essa ideia é reforçada pelo notável grau de correspondência que se pode ver entre esta sequência e a deduzida pela ciência atual (*sic*)” (KIDNER, 1979, p. 52).

²³ HAUGHT, John F. *Responses to 101 Questions on God and Evolution*. Mahwah (NJ): Paulist Press, 2001, p. 9-10.

²⁴ *The Scofield Study Bible*, 2002, Is 45.18, nota.

²⁵ *The Scofield Study Bible*, 2002, Is 45.18, nota.

²⁶ Os adeptos da teoria gap talvez não possam ser tidos como literalistas estritos, pois interpretam, por exemplo, os “dias” de Gênesis 1 como podendo denotar períodos de tempo diversos de um dia de vinte e quatro horas: “[...] O uso de ‘noite’ e ‘manhã’ pode ter como função limitar ‘dia’ ao dia solar; mas o frequente o uso parabólico de fenômenos naturais pode justificar a conclusão que significa simplesmente que cada dia criativo era um período de tempo marcado por um começo e fim” (*The Scofield Study Bible*, 2002, Gn 1.5, nota). Quanto a tópicos como a evolução humana, o mesmo autor, contudo, diz: “[...] O homem foi criado, não evoluiu. Isto é expressamente declarado, e a declaração é confirmada por Cristo (Mt 19.4; Mc 10.6); também é confirmado pelo intransponível abismo entre homem e animal; a besta mais elevada não tem consciência de Deus (natureza religiosa)” (*The Scofield Study Bible*, 2002, Gn 1.26, nota).

GÊNESIS LIDO EM SEU CONTEXTO HISTÓRICO-CULTURAL

Então, a pergunta adequada ao se ler o referido escrito é: o que o autor quis comunicar aqui? Claramente, se tencionou comunicar saberes acerca do cosmo, acabou expondo conceitos que se tornariam obsoletos. Mas não foi intenção do autor falar sobre a ordem natural, primariamente, e a moderna linguagem científica trata, justamente, da referida ordem natural: “[...] [A] meta da ciência pode ser entendida como a produção do conhecimento do mundo [...]”²⁷. Ou seja, é objetivo da ciência discorrer e investigar sobre as operações imanentes da natureza. Por outro lado, a finalidade do autor de Gênesis é, antes de tudo, falar de Deus enquanto Criador de todas as coisas²⁸. Se a ordem natural entra na narrativa, o faz, apenas, enquanto criatura. O livro de Gênesis apresenta um conteúdo profundamente teológico, expondo a ideia de Deus como Criador e soberano por meio de formas “científicas” arcaicas e a muito ultrapassadas, pois que estas eram as únicas disponíveis:

[...] Sem dúvida, aqui se nos oferece muita da ciência da época sobre a origem do mundo, tal como havia sido elaborada então; ciência que, como tal, foi amplamente superada pela nossa. Porém não é ela que toma, aqui, a palavra substancialmente, senão que, mais propriamente, ajuda a formar enunciados detalhados sobre a criação realizada por Deus²⁹.

A caducidade das referidas formas e sua ligação com a ideia que se fazia, na época, da natureza do cosmo, fica clara quando se lê o texto. Um exemplo simples parece ser o bastante. A descrição do “universo” nos primeiros capítulos de Gênesis ilustra algo bem diferente do que se conhece hoje sobre o cosmo; é dito nos versículos 6-8 de Gênesis 1 que havia um “firmamento no meio das águas”:

^{1.6}Deus disse: “Que haja um firmamento no meio das águas, e que ele separe as águas das águas!” ^{1.7}Deus fez o firmamento e separou as águas inferiores do firmamento das águas superiores. E assim aconteceu. ^{1.8}Deus chamou o firmamento de “céu”. Houve uma tarde, houve uma manhã: segundo dia (Gn 1.6-8).

Ou seja, quando da criação, da massa caótica de águas que havia no início (1.2), Deus retira duas massas distintas, uma acima e outra abaixo do “firmamento”. Alguns autores acreditam que este firmamento, ou “expansão” seja, apenas, a atmosfera: “**6. expansão** [rāqîa’]. Esta parece ser a atmosfera ou céu, o que em 1.8 se chama *šāmāyim*, ‘céus’ ou ‘firmamento’. A expansão que separa as águas é parte do firmamento”³⁰. Mas isto não aparenta ser possível, pois também se diz que, na mesma expansão, se encontravam o Sol, a Lua e as estrelas (versículos 14-17), e a Lua, Sol e estrelas estão no espaço sideral, não na atmosfera. Veja:

^{1.14}Deus disse: “Que haja luminares no firmamento do céu para separar o dia da noite, que eles sirvam de sinal tanto para as festas como para os dias e os anos, ^{1.15}e que sirvam de luminares no firmamento do céu para iluminar a terra”. Assim aconteceu. ^{1.16}Deus fez dois grandes luminares, o grande luminar para presidir o dia, o pequeno luminar para presidir a

²⁷ CHALMERS, Alan F.. *A Fabricação da Ciência*. São Paulo: Editora Unesp, 1994, p. 39.

²⁸ Note-se, contudo, que a criação não é objeto central da fé veterotestamentária, sendo centrais as noções do Deus que salva e elege. O relato criacional apenas visa comunicar que o Deus salvador também é criador (RAD, Gerhard von. *El Libro del Gênesis*. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982, p. 53-54).

²⁹ RAD, 1982, p. 56-57.

³⁰ FREDERICKS, Cathi J.; WALTKE, Bruce. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010, p. 71.

noite, e as estrelas. ^{1.17}Deus os estabeleceu no firmamento do céu para iluminar a terra (Gn 1.14-17).

Também não faz sentido identificar tal firmamento como o referido espaço sideral, pois aquele fora feito para dividir a massa primordial de águas. O espaço sideral não está lá para separar massa de água alguma. Tal quadro é, porém, muito similar às concepções cosmológicas do Antigo Oriente, segundo as quais o universo consistia, basicamente, em uma Terra plana com uma abóbada sólida (o referido “firmamento”) estendida acima: “[...] O firmamento é uma lâmina delgada, porém dura e resistente, como a que os antigos acreditavam que formava a abóbada do céu, assentada sobre as altas montanhas do mais distante horizonte”³¹. Esta abóbada, pensavam, sustentava uma imensa massa de águas à qual os antigos chamavam “*mabbūl*”, palavra esta que “[...] é um termo técnico para designar uma parte do edifício universal: o oceano celeste. Este oceano celestial se pensava estar situado acima do firmamento (*raqiá'*), e se esvaziava através de comportas [no firmamento] providas de trancas (2 Re 7.2,19)”³².

[...] A palavra hebraica traduzida por *firmamento* designa uma coisa expandida ou estendida, como uma lâmina de metal batida a golpes de martelo. Esta idéia (*sic*) estaria relacionada com uma das visões que antigamente se tinha do mundo, segundo a qual o universo era uma estrutura composta de três níveis: o céu, a terra e o mundo subterrâneo (cf. Êx 20.4). A terra era imaginada como uma superfície plana. O céu era concebido como uma *expansão*, uma abóbada sólida, um *firmamento* (cf. Jó 37.18) sobre o qual se apoiava um imenso depósito de água ou oceano superior, do qual procediam as chuvas (cf. Gn 7.11; Sl 148.4; Is 40.22). No mundo subterrâneo havia um imenso oceano, sobre o qual se assentavam os pilares que sustentavam a terra (ver [...] Sl 24.2; 104.5; 136.6)³³.

Por sua vez, o episódio do dilúvio seria, justamente, o colapso deste “oceano celeste”:

[...] Devemos, pois, representar o dilúvio, segundo a exposição “P”, como uma catástrofe que alcançou a todo o cosmo. Se o oceano celestial se derrama sobre a Terra, e o mar primordial que está abaixo do disco terrestre e cujo furor Deus acorrentou começa a brotar por haver-se livrado de suas cordas através das gretas entreabertas, isto supõe, segundo o sentido cosmológico da Bíblia, um desabamento de todo edifício do universo³⁴.

Situando o livro de Gênesis em seu ambiente próprio, pode-se, então, ter uma compreensão mais clara da ideia que o autor quis comunicar com aquele texto. Dado que o texto fora escrito no Antigo Oriente, ele pouco tem a ver com as concepções científicas ocidentais sobre como é o universo. Parece provável que sua finalidade era falar de Deus, utilizando-se para isto de imagens conhecidas pelos habitantes daquela região. Era, assim, um tipo de resposta a visões antigas alternativas acerca da criação: “[...] Por exemplo, percebemos que os relatos bíblicos da criação não foram escritos para se opor ao darwinismo, mas, sim, à *Enuma Elish* e a outras ideias antigas acerca de quem criou a ordem existente”³⁵. Pode-se notar tal polêmica em vários pontos desta curta passagem. A noção de uma criação, na qual a divindade literalmente chama a realidade presente da inexistência para a existência é estranha àqueles mais familiarizados com visões acerca de lutas de deuses entre si e contra monstros do caos das religiões dos povos circunjacentes. A própria história é um contraponto às concepções das antigas religiões.

³¹ ARANA, Andrés Ibañez. *Para compreender o Livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003, p. 32.

³² RAD, 1982, p. 154.

³³ *Bíblia de Estudo Almeida* (ARA). Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999. Gn 1.6-8, nota “m”.

³⁴ RAD, 1982, p. 154.

³⁵ LONGMAN III, Tremper. *Como ler Gênesis*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009, p. 26.

[...] Súbita, porém implicitamente, o relato da criação em Gênesis serve como polêmica contra os mitos do antigo Oriente Próximo. Enquanto as forças da natureza às vezes são deidades nos mitos da criação no antigo Oriente Próximo, aqui tudo se deriva de Deus e está sujeito à palavra de Deus [...]³⁶.

Tremper Longman III diz que, quando o livro de Gênesis descreve Deus, o faz não de maneira erudita e abstrata, próprias das ciências atuais, mas por meio de “[...] relatos e poemas que nos falam sobre o envolvimento de Deus no mundo”³⁷. O Gênesis seria um conjunto de narrativas no qual o redator dispôs o material à mão (inclusive as cosmologias antigas) como determinada finalidade teológica. Os relatos da criação no Antigo Testamento foram elaborados com o objetivo de se contraporem às descrições dos povos vizinhos, os quais tinham seus próprios deuses.

Há similaridades entre os relatos de Gênesis e os antigos relatos do Oriente Próximo. Temas recorrentes são: 1) um período de caos seguido de ordem; 2) o caos é descrito como uma massa de água; 3) a criação do cosmo se dá a partir do mar. Tremper Longman III fala, por exemplo, das semelhanças entre Gênesis e a cosmogonia menfita egípcia (contida na pedra de Shabaka), na qual o deus Ptah cria por meio da palavra. Sobre a criação da humanidade nos relatos mesopotâmicos e na Bíblia, diz que “[...] Gênesis se apropriou da tradição do Oriente Próximo e então substituiu a cuspidade [dos deuses no mito mesopotâmico de Atrahasis] ou sangue divino [referido nos mitos de Atrahasis e *Enuma Elish*] pelo sopro de Deus”³⁸, denotando, assim, que o ser humano está ligado à terra e se relaciona com seu Deus.

Contudo, o mesmo autor chama a atenção para as notáveis diferenças entre o relato de Gênesis e as narrativas do Antigo Oriente. Uma diferença é que Gênesis não tem um conflito na criação. Não há rivais para Yahweh³⁹. Em Gênesis, não há uma teomaquia. Observe-se que muitas coisas que os antigos consideram deuses ou seres que rivalizavam com deuses são descritos como meras criaturas. Exemplos destes seriam o Sol e os “grandes monstros marinhos”. Os contrastes como as descrições da criação da humanidade (Em Gênesis, ao contrário dos mitos, o ser humano não é escravo de Deus) também são, claramente, uma polêmica contra os relatos concorrentes⁴⁰.

Não é definido no primeiro versículo da Bíblia se a criação foi *ex nihilo* ou se deu a partir de matéria pré-existente. Textos do Antigo Oriente favoreceriam esta interpretação, enquanto textos bíblicos posteriores e o livro de 2 Macabeus, aquela (cf. Hb 11.3; Ap 4.11; 2 Macabeus 7.28). Portanto, pode-se dizer que se há uma doutrina de criação a partir do nada na religião do antigo Israel, esta não pode estar fundamentada exclusivamente no texto de Gênesis. Contudo, mesmo que haja uma matéria à qual o ato criador molde, esta não condiciona o agir divino:

“Criou”, em hebraico *bara’*. Em Ugarit, usa-se este verbo para a criação artística. No Antigo Testamento é usado apenas 36 vezes, e significa sempre uma criação maravilhosa que só Deus pode realizar. Nunca se menciona uma matéria preexistente, se é que ela existe. Na criação do céu e da terra pode haver momentos em que Deus se sirva de algo que já existe.

³⁶ FREDERICKS, Cathi J.; WALTKE, 2010, p. 70.

³⁷ LONGMAN III, 2009, p. 30.

³⁸ LONGMAN III, 2009, p. 90.

³⁹ LONGMAN III, 2009, p. 91.

⁴⁰ LONGMAN III, 2009, p. 92. As similaridades e diferenças entre o texto inicial de Gênesis e conceitos próprios das religiões do Médio Oriente são, em boa medida, devidas ao fato de que o meio produtor dos “[...] elementos mais tradicionais de Gênesis 1-11” seria o ambiente acadêmico de sacerdotes judeus com estreito contato com a cultura estrangeira (marcadamente os sacerdotes babilônicos) a partir do século VI a. C. (UEHLINGER, Christoph. Gênesis 1-11. In MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe; RÖMER, Thomas [Orgs.]. *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010, p. 162).

Porém é igual: Deus não necessita de nada para realizar sua obra; a matéria, se é que preexiste, não o entorpece, nem condiciona sua ação⁴¹.

Sobre a questão dos seis dias, o autor de Gênesis não tentou comunicar claramente o tempo da criação. “[...] Essa ambiguidade faz parte da impressão geral que temos da passagem, a saber, que ela não está interessada em narrar o processo de criação. Pelo contrário, seu objetivo é simplesmente celebrar e declarar o fato de que Deus é criador”⁴². Tremper Longman III também diz que os três primeiros dias se relacionam com os três últimos, sendo aqueles os momentos nos quais são criadas as “esferas de habitações” para os conteúdos criados nos três dias seguintes:

| | |
|---|---|
| A terra era... | |
| sem forma... | ... e vazia |
| Dia 1 A separação entre a luz e as trevas. | Dia 4 A criação dos luzeiros para governarem o dia e a noite. |
| Dia 2 A separação das águas para formas a os céus e o mar | Dia 5 A criação das aves e dos peixes para encher os céus e a terra. |
| Dia 3 A separação entre o mar e a terra seca, e a criação das plantas. | Dia 6 A criação dos animais e do homem para encher a terra e se alimentar das plantas. |
| Dia 7 Os céus e a terra estavam prontos e Deus descansou. | |

Tabela 1: A estrutura de Gênesis 1.1 a 1.23⁴³.

Até o sábado se encaixa na polêmica contra os mitos circunjacentes, pois os antigos babilônios, por exemplo, viam o sétimo, o décimo quarto, o vigésimo primeiro e o vigésimo oitavo dia do mês como datas nas quais era provável a ocorrência de coisas ruins⁴⁴. Ao contrário, na narrativa bíblica, tais dias são abençoados e santificados por Deus (Gn 2.3), expressando-se aqui, também, a noção de dignidade da humanidade perante seu Criador, pois Deus não apenas descansa no sábado, mas convida o ser humano (escravo dos deuses segundo as mitologias antigas!) para participar do mesmo descanso (Êx 20.8-11).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Fica claro, portanto, que o relato da criação não teria, como interesse primário, fornecer uma descrição científica do mundo, mas nos ensinar “[...] verdades básicas e fundantes acerca de Deus, de nós mesmos e do mundo”⁴⁵. O debate estabelecido por criacionistas (e, diga-se de passagem, muitos ateus), contrapondo o livro de Gênesis a modernas teses científicas, é um infeliz caso de má compreensão do texto bíblico, com resultados desastrosos para a apologética cristã e para a cultura em geral. Tal material teria como finalidade se contrapor a outros relatos da criação, que tinham como protagonistas outros deuses, cujas religiões eram constante ameaça à unidade

⁴¹ ARANA, 2003, p. 26.

⁴² LONGMAN III, 2009, p. 127.

⁴³ LUCAS, Ernest. *Gênesis Hoje: Gênesis e as questões da ciência*. São Paulo: ABU Editora, 2005, p. 128.

⁴⁴ HOUSTON, James. No princípio, Deus. In: KEELEY, Robin (Org.). *Fundamentos da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2000, p. 138.

⁴⁵ LONGMAN III, 2009, p. 130.

religiosa dos antigos judeus. Nada no texto parece se destinar a responder ao desafio de modernas concepções científicas como a noção de uma Terra velha e a teoria da evolução, desafio este que existe, apenas, para pessoas que insistem em ver a Bíblia como fonte de conceitos científicos e como registro preciso de como a ordem natural se originou e como é de fato.

Se há uma realidade que é descrita de modo exato no livro de Gênesis em seus primeiros capítulos, esta é a relação entre Deus e a criação. Esta mesma criação não resulta de um conflito de deuses, mas nasce da vontade do Deus único, o qual apenas fala e as coisas são, pura e simplesmente, trazidas à existência. Tais fatos são, contudo, expostos com o uso de uma visão hoje obsoleta sobre a realidade física: “[...] A assim chamada história mosaica da criação não é apenas um maravilhoso testemunho prestado à revelação divina, mas é também o produto de uma visão primitiva do mundo”⁴⁶. Emil Brunner é muito feliz ao observar que a visão bíblica do mundo físico, sendo irreconciliável com a ciência moderna, não pode ser confundida com a revelação divina⁴⁷. Também Hendrikus Berkhof diz que, dado que “o como e o quê” da criação nos relatos bíblicos derivaram de outros lugares, não fazem parte do que chama “círculo interno da fé”, ao qual pertence a ideia de que o Deus da revelação é o Criador de todas as coisas⁴⁸. De forma que, mesmo reconhecendo que ideias cosmológicas próprias dos povos antigos estão expressas no texto de Gênesis, isto não é, contudo, o que realmente interessa, pois o que importa é que o autor deste livro buscou mostrar a verdade da noção de Deus como criador de todas as coisas. E foi, aparentemente, muito bem-sucedido nisto.

REFERÊNCIAS

- ARANA, Andrés Ibañez. *Para compreender o Livro do Gênesis*. São Paulo: Paulinas, 2003.
- BENTON, Michael J.; HARPER, David A. T. *Introduction to Paleobiology and the Fossil Record*. Hoboken (NJ): Wiley-Blackwell, 2009.
- BENTON, Michael J. Foreword. In *Prehistoric Life: the definitive visual history of life on Earth*. New York: Dorling Kinderley, 2012.
- BERKHOF, Hendrikus. *Christian Faith: an introduction to the study of the Faith*. Grand Rapids (MI): William B. Eerdmans Publishing Company, 1979.
- Bíblia de Estudo Almeida* (ARA). Barueri (SP): Sociedade Bíblica do Brasil, 1999.
- Bíblia – Tradução Ecumênica* (TEB). São Paulo: Edições Loyola, 1994.
- BRUNNER, Emil. *Dogmática* (vol. 2). Doutrina cristã da criação e redenção. São Paulo: Fonte Editorial, 2006.
- CHALMERS, Alan F. *A Fabricação da Ciência*. São Paulo: Editora Unesp, 1994.
- FERREIRA, Franklin; MYATT, Alan. *Teologia Sistemática: uma abordagem histórica, bíblica e apologética para o contexto atual*. São Paulo: Vida Nova, 2007.
- FORTEY, Richard. *Fossils: The History of Life*. Londres: Natural History Museum, 2009.
- FREDERICKS, Cathi J.; WALTKE, Bruce. *Gênesis*. São Paulo: Cultura Cristã, 2010.

⁴⁶ BRUNNER, Emil. *Dogmática* (Vol. 2). Doutrina cristã da criação e redenção. São Paulo: Fonte Editorial, 2006, p. 47.

⁴⁷ BRUNNER, 2006, p. 61.

⁴⁸ BERKHOF, Hendrikus. *Christian Faith: an introduction to the study of the Faith*. Grand Rapids (MI): William B. Eerdmans Publishing Company, 1979, p. 159.

- GIBERSON, Karl W. *Saving Darwin*. How to Be a Christian and Believe in Evolution. New York: Harper One, 2008.
- HAUGHT, John F. *Responses to 101 Questions on God and Evolution*. Mahwah (NJ): Paulist Press, 2001.
- HOUSTON, James. No Principio, Deus. In: KEELEY, Robin (Org.). *Fundamentos da Teologia Cristã*. São Paulo: Vida, 2000.
- KIDNER, Derek. *Gênesis: introdução e comentário*. São Paulo: Edições Vida Nova, 1979.
- LONGMAN III, Tremper. *Como ler Gênesis*. São Paulo: Edições Vida Nova, 2009.
- LUCAS, Ernest. *Gênesis Hoje: Gênesis e as questões da ciência*. São Paulo: ABU Editora, 2005.
- MORRIS, Henry M.; WHITCOMB, John C. *The Genesis Flood: the biblical record and its scientific implications*. Phillipsburg (NJ), P & R Publishing, 2011.
- PITMAN, Walter, RIAN, William. *Noah's Flood: The New Scientific Discoveries about the Event that Changed History*. New York: Simon & Schuster, 1999.
- RAD, Gerhard von. *El Libro del Gênesis*. 2. ed. Salamanca: Ediciones Sígueme, 1982.
- The Scofield Study Bible: New King James Version*. New York: Oxford University Press, Inc., 2002.
- UEHLINGER, Christoph. Gênesis 1-11. In MACCHI, Jean-Daniel; NIHAN, Christophe; RÖMER, Thomas (Orgs.). *Antigo Testamento: história, escritura e teologia*. São Paulo: Edições Loyola, 2010.